

# ESFERAS DA INSURREIÇÃO

# ESFERAS DA INSURREIÇÃO

NOTAS PARA UMA VIDA NÃO CAFETINADA

Suely Rolnik

© Suely Rolnik, 2018

© n-1 edições, 2018

ISBN 978-85-66943-59-7

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart

e Ricardo Muniz Fernandes

DIREÇÃO DE ARTE Ricardo Muniz Fernandes

ASSISTENTE EDITORIAL Inês Mendonça

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

PREPARAÇÃO E REVISÃO Pedro Taam

IMAGENS Capítulo *O inconsciente colonial-capitalístico*

Rodrigo Araújo – coletivo BijaRi

IMAGENS/CAPA Grafismos a partir de pintura corporal Guarani

A reprodução parcial deste livro sem fins lucrativos, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

1ª edição | Junho, 2018

[n-1edicoes.org](http://n-1edicoes.org)

Suely Rolnik

**ESFERAS DA  
INSURREIÇÃO**

NOTAS PARA UMA VIDA  
NÃO CAFETINADA

*M-1*  
*edições*



A Tício, pelo teko porã que criamos no  
dia a dia de nossas danças singulares.

A Rolf, pela silenciosa confiança  
que atravessa o tempo.

Axs amigxs.



*Trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é  
prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto.*

Gilles Deleuze e Félix Guattari<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Gilles Deleuze e Félix Guattari, *O Que é a Filosofia?*, trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, São Paulo: Editora 34, 1992, p. 222.





- 11 *La izquierda bajo la piel*  
**Um prólogo para Suely Rolnik**  
Por Paul. B. Preciado
- 23 **Prelúdio: Palavras que afloram  
de um nó na garganta**
- 29 **O inconsciente colonial-capitalístico**
- 99 **Insurgências macro e micropolítica:  
dessemelhanças e entrelaçamentos**
- 147 **A nova modalidade de golpe:  
um seriado em três temporadas**
- 195 **Finale: Dez sugestões para  
uma contínua descolonização  
do inconsciente**

# PRÓLOGO

## *La izquierda bajo la piel*

Um prólogo para Suely Rolnik

Paul B. Preciado

Estes ensaios de Suely Rolnik nos chegam em meio à névoa tóxica que nossos modos coletivos de vida produzem sobre o planeta. Vivemos um momento contrarrevolucionário. Estamos imersos em uma reforma heteropatriarcal, colonial e neonacionalista que visa desfazer as conquistas de longos processos de emancipação operária, sexual e anticolonial dos últimos séculos. Como já anunciava Félix Guattari em 1978, respirar se tornou tão difícil como conspirar. Se detrás do brilho da prata de Potosí se ocultava o trabalho exterminador da mina colonial no século XVI, detrás do brilho das telas se ocultam hoje as formas mais extremas de dominação neocolonial, tecnológica e subjetiva. A obscura era do pixel poderia ser inclusive a última, se não conseguirmos inventar novas formas de equilíbrio entre os mundos do carbono e do silício, novas modalidades de diálogo entre as entidades subjetivas, maquínicas, orgânicas, imateriais e minerais do planeta.

Estes textos são como um oráculo que nos fala de nosso próprio futuro mutilado. Vêm nos recordar que o que estamos vivendo não é um processo natural, mas uma fase a mais de uma guerra que não cessou: a mesma guerra que levou à capitalização das áreas de preservação de terras indígenas, ao confinamento e ao extermínio de todos os corpos cujos modos de conhecimento ou afecção desafiavam a ordem disciplinar, à destruição dos saberes populares em benefício da capitalização científica, à caça às bruxas, à captura de corpos humanos para serem convertidos em máquinas vivas da plantação colonial; a mesma guerra na qual lutaram os

revolucionários do Haiti, as cidadãs da França, os proletários da Comuna, aquela guerra que fez surgir a praia sob os paralelepípedos das ruas de Paris em 1968, a guerra dos soropositivos, das profissionais do sexo e das trans no final do século XX, a guerra do exílio e da migração...

Suely Rolnik reuniu aqui três textos elaborados durante os últimos anos que poderiam funcionar como um guia de resistência micropolítica em tempos de contrarrevolução. Tive a sorte de escutar e ler muitas versões destes textos, como quem assiste à germinação de um ser vivo. O pensamento de Suely, como sua própria prática analítica, tem a qualidade de estar sempre em movimento. O que os leitores têm agora em suas mãos é uma foto da tarefa crítica de Suely tirada em um momento preciso. Trata-se de um trabalho aberto, de um arquivo em versão beta, em constante modificação. O livro, extremamente rico e cuja leitura levará a múltiplas intervenções críticas e clínicas, poderia ser lido tanto como um diagnóstico micropolítico da atual mutação neoconservadora e nacionalista do regime financeiro neoliberal quanto como uma hipótese acerca da derrota da esquerda, no contexto não só latino-americano, mas também global. Mas esse réquiem por uma esquerda macropolítica é acompanhado em Suely pelo desenho de uma nova esquerda radical: *Esferas da Insurreição* é uma cartografia das práticas micropolíticas de desestabilização das formas dominantes de subjetivação, um diagrama da esquerda por vir.

A análise da condição neoliberal que Suely Rolnik leva a cabo em dois dos três textos reunidos nesta antologia aparece como o complemento micropolítico necessário às análises macropolíticas que vêm sendo feitas, a partir de distintas perspectivas, por Giorgio Agamben, Naomi Klein, Antonio Negri, Michel Feher ou Franco Bifo Berardi. Partindo da

análise do “golpe neoliberal” no Brasil, Rolnik chama a atenção para a aparição de uma nova e insuspeitada aliança entre o neoliberalismo financeiro e as forças reativas conservadoras. Enquanto, durante os anos 80, se pensava que a extensão do neoliberalismo traria a globalização da democracia, a dissolução dos estados-nação e a generalização do multiculturalismo como modelo de integração social, a atual deriva do neoliberalismo, analisada por Rolnik, deixa antever um horizonte muito mais histriônico. A inesperada aliança das forças neoliberais e conservadoras tem a ver com o fato de ambas compartilharem uma mesma moral e um mesmo modelo de identificação subjetiva: o inconsciente colonial-capitalístico. Daí que os alvos da nova “perseguição neoliberal às bruxas” sejam os coletivos feministas, homossexuais, transexuais, indígenas ou negros, que encarnam no imaginário conservador a possibilidade de uma autêntica transformação micropolítica. Se desenha aqui a paisagem que Guattari e Deleuze haviam conjecturado como uma terrível e insólita encarnação do “fascismo democrático”. Essa é a condição na qual nos encontramos e na qual temos que imaginar coletivamente novas formas de resistir.

Suely Rolnik descreve os processos de opressão colonial e capitalística como processos de captura da força vital, uma captura que reduz a subjetividade a sua experiência como sujeito, neutralizando a complexidade dos efeitos das forças do mundo no corpo em benefício da criação de um indivíduo com uma identidade. Esse processo de subjetivação funciona por repetição e pelo cerceamento das possibilidades de criação, impedindo a emergência de “mundos virtuais”. O sujeito colonial moderno é um zumbi que utiliza a maior parte de sua energia pulsional para produzir sua identidade normativa: angústia, violência, dissociação, opacidade, repetição...

não são mais do que o preço que a subjetividade colonial-capitalística paga para poder manter sua hegemonia. Por isso, para Rolnik, todo processo revolucionário não é nada mais do que a introdução de um hiato, de uma diferença no processo de subjetivação, de “um corte em outro lugar” da fita de Moebius, para utilizar a expressão de Lygia Clark mobilizada em sua proposta artística *Caminhando*. Diante da máquina de encontrar soluções *prêt-à-porter* para se refazer um contorno subjetivo ou discursivo por meio do consumo da “marca Lacan”, ou do que Suely chama jocosamente de “desodorante D&G (Deleuze e Guattari)”, a esquizoanálise se propõe como um tipo de revolução molecular lentíssima, quase imperceptível, que, no entanto, modifica radicalmente a existência de todo o percebido.

Rolnik entende a condição colonial-capitalística como uma patologia histórica do inconsciente que funciona por meio de uma micropolítica reativa contra a qual se desencadeia uma multiplicidade de micropolíticas ativas num processo constante de transformação planetária. O trabalho de Suely Rolnik inspira-se diretamente no conjunto de micropolíticas ativas que surgiram nos anos 60 – 70, tanto no Brasil quanto na Europa: primeiro nos processos contraculturais de luta antiditatorial no Brasil, dos quais ela participou em sua juventude e que a levaram à prisão. Depois, em sua passagem por Paris, Rolnik entrou em contato com a multiplicidade de movimentos críticos e ativistas, desdobramentos das revoltas de Maio de 68, e mais especialmente com a prática clínico-política de Félix Guattari, com os processos de experimentação institucional na prisão e no hospital, assim como com o movimento de alternativas à psiquiatria. Mais tarde, depois de seu retorno ao Brasil, Rolnik elabora sua prática crítica em diálogo com o movimento internacional de resistência na arte

e, mais recentemente, com as práticas de reinvenção da soberania indígena e anticolonial. Todos esses processos introduzem uma transformação radical das linguagens da esquerda. A revolução não se reduz a uma apropriação dos meios de produção, mas inclui e baseia-se em uma reapropriação dos meios de reprodução – reapropriação, portanto, do “saber-do-corpo”, da sexualidade, dos afetos, da linguagem, da imaginação e do desejo. A autêntica fábrica é o inconsciente e, portanto, a batalha mais intensa e crucial é micropolítica.

A partir de sua passagem pela clínica de La Borde e de sua colaboração com Félix Guattari, Suely Rolnik inicia um dos experimentos esquizoanalíticos mais produtivos das últimas décadas, ao levar as perguntas pela economia política do inconsciente, que Jean Oury, François Tosquelles, Frantz Fanon e Félix Guattari haviam elaborado nos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial, ao contexto do desdobramento do neoliberalismo e também das práticas de descolonização, no final do século XX e em princípios do século XXI, na América do Sul. Exilada política e linguística na França durante uma década, sua prática de resistência toma a forma de um retorno pós-traumático ao Brasil. Voltar ao Brasil, como fez em sua viagem iniciática com Guattari, assim que chega ao País, implica em tirar a prática esquizoanalítica do contexto institucional e clínico do velho continente colonial europeu para lançá-la ao magma da vida em seu processo de recolonização e descolonização na América do Sul. Rolnik desterritorializa a própria prática esquizoanalítica levando-a em duas direções aparentemente contraditórias, mas que na realidade estão subterraneamente conectadas.

De um lado, o retorno de Suely Rolnik ao Brasil permite conectar o discurso psicanalítico com as linguagens e as práticas contemporâneas da descolonização. A psicologia, afirma

Rolnik, pertence ao dispositivo colonial-capitalístico: nasceu historicamente como uma narrativa e uma técnica que legitimava e naturalizava os modos dominantes de subjetivação. A psicologia do eu é nada mais e nada menos que a ciência do inconsciente colonial-capitalístico, e suas práticas, aparentemente terapêuticas, não são senão sofisticados dispositivos micropolíticos reativos. No Brasil, fica evidente que é a própria tradição psicológica, surgida no centro dos impérios coloniais e patriarcais europeus, que, estando atravessada desde suas origens por estruturas de opressão colonial e sexual, necessita de um duplo processo de descolonização e de despatriarcalização. Para Rolnik, essa dimensão normativa da psicologia afeta inclusive a própria psicanálise que, apesar de ter surgido como uma contraciência que, diferentemente da psicologia, reconecta a subjetividade com os efeitos das forças do mundo no corpo e a leva à reapropriação da linguagem desde esses afetos, opera, com raras e belas exceções, como uma prática micropolítica reativa. Uma prática que, como nos mostram Deleuze e Guattari, contribui com a expropriação da produtividade do inconsciente para submetê-lo ao teatro dos fantasmas edípicos. Por isso, para Rolnik, descolonizar a psicanálise passa pela ativação da força micropolítica que a habitava em sua fundação, pela mobilização de sua potência clandestina.

A prática de Suely Rolnik se destaca diante das psicologias do sujeito e da identidade. Trata-se aqui da construção de um relato autocrítico, reflexivo, capaz de tornar visíveis as relações de poder colonial e sexual que permitiram o estabelecimento da psicanálise como “ciência do inconsciente” e prática clínica. Frente a elas, Suely aposta numa prática analítica que funcione como uma política de subjetivação dissidente, permitindo a reapropriação da potência vital de criação



e o desenvolvimento do que ela chama de “saber-do-corpo”, o saber de nossa condição de vivente. Diferentemente das receitas de felicidades instantâneas e do *feel good*, a condição de possibilidade de resistência micropolítica é “sustentar o mal-estar” que gera nos processos de subjetivação a introdução de uma diferença, uma ruptura, uma mudança. É preciso reivindicar o mal-estar que tais rupturas supõem: resistir à tendência dominante da subjetividade colonial-capitalística que, reduzida ao sujeito, interpreta o mal-estar como ameaça de desagregação e o transforma em angústia, em sintoma que deve ser diagnosticado de acordo com um manual de doenças mentais, tratado com medicamento e, finalmente, soterrado em favor da reprodução da norma. Para Suely, essa conversão do mal-estar em angústia e sua consequente patologização reitera e naturaliza a redução da complexidade dos processos de subjetivação ao “sujeito”, cancelando ainda mais violentamente as possibilidades de “criação transfiguradora”. A revolução esquizoanalítica que anuncia Rolnik é a gestão coletiva e criativa do mal-estar para permitir a geminação de outros mundos. Estes textos não buscam atenuar a dor de se suportar a exclusão, o exílio, a exterminação, a censura ou o castigo social, ou nos devolver a fé numa esquerda *ready made*, mas, sim, pretendem nos fazer entender a natureza micropolítica do mal-estar que nos habita: nos ajudar a entrar no mal-estar e permanecer ali juntos, para poder imaginar estratégias coletivas de fuga e de transfiguração.

A segunda aprendizagem que Suely Rolnik leva de sua passagem por La Borde e de seu retorno para o Brasil é a afirmação da cena da criação artística como um lugar de trabalho micropolítico e clínico. Não se trata aqui, em absoluto, de “arte terapia”, mas, ao contrário, do que poderíamos denominar de “terapia arte”, de entender que a prática clínica deve

ser feita como uma prática artística, ou seja, de forma sempre experimental, apelando à transformação da sensibilidade e da representação, inventando em cada caso os protocolos necessários que permitem renomear, sentir e perceber o mundo. Sua colaboração com artistas (especialmente com a artista brasileira Lygia Clark e com os artistas colombianos do Mapa Teatro) e com aqueles que produzem pensamento e ação micropolíticos no interior do sistema de arte ou no âmbito da luta dos indígenas na América Latina (como o brasileiro Ailton Krenak e o paraguaio Ticio Escobar) constitui não só instâncias de reinvenção da psicanálise, mas também do que entendemos por arte, teatro e política. Dissolve-se aqui a oposição clássica entre teoria e prática, poética e política, representação e ação. Esse movimento não deve ser lido como um gesto de expansão dos territórios clínicos, mas como o próprio lugar onde a transformação micropolítica do inconsciente acontece.

Todo processo de transformação política que não contemple a descolonização do inconsciente está, adverte-nos Suely, condenado à repetição (inclusive quando há deslocamento) das formas de opressão. Suely continua aqui a tarefa de Guattari de cartografar uma multidão de revoluções moleculares que se produzem no nível da economia do desejo. Um dos pontos fortes destes ensaios é que não devemos esperar a chegada messiânica “da revolução”, mas implicar-nos constantemente numa multiplicidade heterogênea de processos micropolíticos revolucionários. “Micropolítica” é o nome que Guattari deu, nos anos 60, àqueles âmbitos que, por serem considerados relativos à “vida privada” no modo de subjetivação dominante, ficaram excluídos da ação reflexiva e militante nas políticas da esquerda tradicional: a sexualidade, a família, os afetos, o cuidado, o corpo, o íntimo. Tudo isso

que depois Foucault tentará apontar com os termos “microfísica do poder” e, mais tarde, “biopoder”. Nesse sentido, a noção de micropolítica representa uma crítica do modo como a esquerda tradicional (pouco importa que seja em suas versões marxista, leninista, trotskista ou socialista) considerava a modificação das políticas de produção como o momento prioritário da transformação social, deixando as políticas de reprodução da vida em segundo plano. Daí o rompimento entre os movimentos feministas, homossexuais, anticoloniais e a esquerda tradicional. Para a esquerda, as questões feministas, da homossexualidade, da transexualidade, do uso de drogas, e também das relações racializadas de poder, ou dos conflitos pela soberania indígena, são questões secundárias com respeito à verdadeira, honrosa e viril luta de classes. Suely Rolnik inverte essa relação e afirma que não há possibilidade de uma transformação das estruturas de governo sem a modificação dos dispositivos micropolíticos de produção de subjetividade. Ela radicaliza ainda mais a noção de micropolítica, submetendo-a primeiro a um aprofundamento epistêmico que surge ao colocar esses âmbitos em contato com as forças do inconsciente. Daí que família, sexualidade e corpo não sejam simplesmente instituições ou realidades anatômicas, mas autênticas tramas libidinais feitas de afetos e perceptos que escapam ao âmbito da consciência individual.

Do mesmo modo que a crítica descolonial macropolítica fala do extrativismo de recursos naturais, Rolnik alerta-nos para o extrativismo colonial e neoliberal dos recursos do inconsciente e da subjetividade – a pulsão vital, a linguagem, o desejo, a imaginação, o afeto... Inspirada pelas políticas do trabalho sexual, Suely denomina “cafetinagem” esse dispositivo de extração da pulsão vital que opera no capitalismo colonial capturando o que ela, seguindo Freud, chama de

“pulsão de vida” e o que eu denominei, em outros textos, seguindo Espinosa, “*potentia gaudendi*”. Enquanto a esquerda se mantém atenta aos processos de expropriação da força de trabalho e da acumulação de capital, ela segue ignorando os processos de captura da “*potentia gaudendi*”. No entanto, o capitalismo mundial integrado, havendo já devastado quase por completo as forças materiais do planeta, dirige-se agora à expropriação total de nossas forças inconscientes. É por isso que os processos históricos de emancipação da esquerda só podem sobreviver agora se, também e junto com sua luta macropolítica, aceitarem o desafio do trabalho micropolítico.

Em segundo lugar, Suely submete a noção de micropolítica a um processo de descolonização que sacode e altera as posições tradicionais de natureza e cultura, de sujeito e objeto, de masculinidade e feminilidade, de homem e animal, de dentro e de fora. Poderíamos dizer que ela aponta assim à existência de outra esquerda e, cruzando as coordenadas, nos orienta em direção a uma política do subsolo, subterrânea, uma política sob a pele, sob a terra, uma esquerda clorofílica ou telepática, ali onde a planta e o pensamento se conectam através da imagem ou da poção.

A prática de Suely Rolnik consiste em lançar o divã na praça pública, em levá-lo ao ateliê do artista, em colocá-lo no meio da selva, em metê-lo na cabana do xamã. Trata-se de um triplo processo de desindividuação (não de desingularização), de politização e de devir-público do divã. É assim que o divã freudiano-lacaniano se desfaz e muda, entrando num processo infinito de transfiguração: divã-cartaz, divã-cama, divã-museu, divã-, divã-poção, divã-parlamento, divã-ritual, divã-texto...

Poderia lhes falar de minha experiência de leitura durante horas, mas devo calar para deixá-los ler. Esta é a última coisa e o mais necessário que quero lhes dizer: este livro é como

uma belíssima larva que cresce no esterco: a ondulação e a suavidade aveludada de seu pensamento, seu riso contagioso, a falta de vergonha e de medo lhe permite entrar nas camadas mais obscuras do fascismo contemporâneo, nos guiar nos lugares que mais nos aterrorizam e tirar dali algo com o que construir um horizonte de vida coletiva. Suely Rolnik é uma espinosista selvagem, uma freudiana transfeminista, uma arqueóloga do imaginário, uma indigenista *queer* que busca no futuro (e não no passado) a origem de nossa história, uma artista cuja matéria é a pulsão. Uma cultivadora dos bichos-da-seda da “*izquierda bajo la piel*”. Não se pode pedir mais de uma escritora: devir-larva, cartografar a lama com a mesma precisão com que outro cartografaria uma mina de ouro. Por isso, leitores, adentrem com essa larva no magma da besta e busquem os gérmens da vida que, ainda que desconheçam, os rodeiam, e que, com uma torção do olhar, poderiam ser seus – poderia ser sua própria vida.

Arlès, Maio de 2018

\* Traduzido para o português por Josy Panão

# PRELÚDIO